

A composição espaço-tempo e cotidiano em *Um alguém apaixonado*¹

Thiago Henrique Gonçalves Alves²
Mestrando em Comunicação da UFC. PPGCOM UFC

RESUMO

Esse trabalho é um recorte de uma pesquisa de dissertação em andamento e tem por objetivo trabalhar com conceitos de cronotopo e cotidiano na narrativa cinematográfica de Abbas Kiarostami. Escolhemos como objeto uma sequência de seu filme *Um alguém apaixonado* (2012). Utilizamos como método a análise fílmica, observando aspectos como o enquadramento (recorte espacial) e a montagem (recorte temporal). Como escopo teórico, contamos Deleuze (2018), Burch (1973), Certeau (2014), além de Bernardet (2004) e Meleiro (2006). Ao final, trazemos como resultado parcial uma reflexão sobre o enquadramento, duração de planos e o cotidiano nesse recorte do cinema contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE

Tempo; espaço; cotidiano; narrativa, Abbas Kiarostami.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre a composição espaço-tempo e cotidiano no cinema de Abbas Kiarostami, em especial no filme *Um alguém apaixonado* (2012). Cineasta de um cinema tido como contemporâneo, o autor trabalha com imagens que muitas vezes extrapolam o limite da linguagem clássica da sétima arte.

Ao final, esperemos responder uma pergunta. Como se dá a relação do tempo, do espaço e do cotidiano dentro do filme o *Um alguém apaixonado* (2012) de Abbas Kiarostami dentro de uma perspectiva do cinema contemporâneo?

METODOLOGIA

Como aparato teórico metodológico vamos utilizar da análise fílmica como ferramenta de estudo. Nós optamos por trabalhar com o livro *A análise do filme* (2013) de Jacques Aumont e Michel Marie. Para fins de nossa pesquisa, escolhemos dois

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação e audiovisual do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Mestrando em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Email: thiagosenaufc@gmail.com

métodos. Seriam eles a segmentação com análise da imagem fílmica e a análise do filme com narrativa.

O que hoje se convencionou chamar a "segmentação" respeita a uma relação do que, na linguagem crítica corrente, se designa as "sequências" de um filme (narrativo). No vocabulário técnico da realização (e em consequência, no vocabulário crítico), uma sequência é uma sucessão de planos ligados por uma unidade narrativa, logo comparável na sua natureza, a "cena" no teatro, e ao "quadro" no cinema primitivo. (AUMONT, MARIE, 2013, p. 54)

Para além do enquadramento e da proximidade da câmara, a análise da imagem fílmica pode tomar como objecto a relação de plano para plano, ou seja, a montagem. De novo, limitar-nos-emos ao exemplo de uma análise fílmica centrada principalmente na função da montagem na produção do sentido. (AUMONT, MARIE, 2013, p. 169)

Assim separamos uma sequência do filme, que no artigo completo será exposta por seus fotogramas. Vamos analisar a partir dela o filme como linguagem cinematográfica pautado em estudos de imagem e tempo, principalmente com os textos de Deleuze.

FUNDAMENTAÇÃO

Noël Burch dedica um capítulo inteiro do seu *Práxis do cinema* para trabalhar a relação (e como se articula) espaço-tempo.

Do ponto de vista formal, um filme é uma sucessão de fatias de tempo e de fatias de espaço. A planificação é portanto a resultante, a convergência de uma planificação no espaço (ou antes uma série de planificação no espaço) realizada no momento da filmagem, e de uma planificação no tempo, prevista em parte na filmagem e culminada na montagem. E através desta noção dialética que se pode definir (e, a partir daqui, analisar) a verdadeira feitura de um filme, o seu devir essência (BURCH, 1973, p.12)

O enquadramento e o corte do filme delimitam a noção espacial, o corte e a montagem, a noção temporal. Nesse sentido, todo filme (narrativo ou não) provém a utilização dessa razão dialética.

Deleuze (2018) reforça o conceito de montagem no que diz respeito a relação espaço-tempo. Podemos ligar ainda esse conceito deleuziano ao de fotografia. O que seria a fotografia? Em termos mais simples possível seria uma imagem estática que retrata o momento que foi tirada. Assumindo assim várias possibilidades, fotografia de pessoas, lugares, animais, guerras, políticas etc. Com o surgimento do cinematógrafo (ou até mesmo antes deles se levarmos em conta os aparelhos e brinquedos de ilusão óptica de movimento) à fotografia é incorporada a capacidade de projeção e movimento.

E é a partir disso que a linguagem o cinema passa a se desenvolver. Plano, corte, montagem são conceitos comuns em várias teorias de cinema existentes, mas todas tem um ponto de partida comum, registrar o espaço e o tempo da narrativa na película e na projeção.

O plano em sua totalidade muda de categoria de espacial para temporal e o corte é fundamental para isso. Se pensarmos no plano como um recorte espacial do mundo real, essa linha faz sentido, pois o espaço já está delimitado pelo enquadramento.

É que o cinema, ainda mais diretamente que a pintura, dá um relevo no tempo, uma perspectiva no tempo: exprime o próprio tempo como perspectiva ou relevo. É por isso que o tempo adquire essencialmente o poder de se contrair ou de se dilatar, assim como o movimento o de retardar ou acelerar. Epstein toca de perto o conceito de plano: é um corte móvel, quer dizer, uma perspectiva temporal ou uma modulação. A diferença entre a imagem cinematográfica e a imagem fotográfica decorre disso. A fotografia é uma espécie de “moldagem”: o molde organiza as forças internas da coisa de tal modo que elas atingem um estado de equilíbrio num certo instante (corte imóvel). Enquanto a modulação não se detém quando o equilíbrio é atingido, e não pára de modificar o molde, de constituir um molde variável, contínuo, temporal. Assim é a imagem-movimento, que, deste ponto de vista, Bazin opunha à fotografia: “O fotógrafo procede, por intermédio da objetiva; a uma verdadeira captação do registro luminoso, a uma moldagem (. . .) (Mas) o cinema realiza o paradoxo de moldar-se sobre o tempo do objeto e de captar, além do mais, o registro de sua duração”. (DELEUZE, 2018, p. 46-47)

O tempo é uma característica própria do cinema. Não que outras artes antecessoras ao surgimento das películas não tivessem noção de tempo: as tinham. Porém, o cinema traz consigo uma particularidade para si - a capacidade de se modelar, contrair ou dilatar, retardar ou acelerar. Enquanto outras artes apresentavam isso de forma estática (como a fotografia), o cinema o fazia de maneira dinâmica. O cinema deixa explícito sua relação inerente com o tempo, talvez até mesmo que o espaço. É impossível conceber o filme sem uma unidade mínima de tempo, já que um dos conceitos básicos do cinema é uma série de fotos projetadas por segundo para gerar movimento.

O forte renascimento da forma narrativa documentária, junto com a atração pela narrativa em primeira pessoa (minicâmeras no cotidiano, You Tube etc.), aponta para uma nova onda realista que pode engolir a pós-modernidade (. . .) No melhor cinema contemporâneo, há espaço para um novo realismo, colado nas potencialidades mais íntimas da máquinacâmera na tomada, no seu modo de conformar a matéria da narrativa cinematográfica (RAMOS, 2008, p. 15 – 16).

O texto de Fernando Ramos aponta para uma série de questões que versam sobre o cinema contemporâneo mundial. O primeiro ponto é sobre a expansão do cinema moderno. Enquanto movimento, o cinema moderno buscava uma ruptura com o modelo clássico, principalmente hollywoodiano, de se fazer cinema. Esse rompimento se deu principalmente em algumas frentes como a política do cinema de autor, o modelo de produção mais baratos e temas que seriam mais próximos de uma realidade, seja literal mostrando a violência ou cotidiano das grandes cidades ou metafórico por meio de figuras que faziam alegoria ao autoritarismo e as regras.

O cinema contemporâneo explora as potencialidades do que pode ser cinema. Os cineastas desenvolvem trabalhos muito próximos da linguagem documental, mas não se limitam a ela, rompendo diversas vezes com categorias e linguagens já consolidadas no cinema. O plano, o enquadramento, as sequências, o som, a montagem etc. tudo aqui tem como finalidade gerar esse rompimento autorreferencial e pautar as possibilidades do real no cotidiano.

CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Embora ainda seja uma pesquisa de dissertação em desenvolvimento, com previsão de defesa no final de 2023, já podemos adiantar algumas contribuições da pesquisa. Escolher Abbas Kiarostami não foi aleatório. Seu cinema é reconhecido mundialmente, principalmente por questões políticas e estéticas. Aqui, voltamos nosso olhar para a narrativa fílmica através do estudo do tempo e do espaço no cotidiano, tema comum ao cinema contemporâneo.

A sequência escolhida para análise foi a longa conversa entre as personagens Akiko e Takashi no apartamento do velho. Fizemos um recorte temporal e espacial e analisamos filmicamente como Kiarostami trabalha essas questões principalmente no diálogo entre os dois personagens. O resultado disso é um trabalho que tem a modesta intenção de contribuir nos estudos da comunicação e da linguagem narrativa do cinema, além de fazer parte da fortuna crítica do cineasta.

CONCLUSÃO

Esse resumo expandido teve como finalidade apresentar um recorte do objeto de pesquisa em desenvolvimento no mestrado acadêmico em comunicação. Retomando a pergunta feita na introdução. Como se dá a relação do tempo, do espaço e do cotidiano dentro do filme o *Um alguém apaixonado* (2012) de Abbas Kiarostami dentro de uma perspectiva do cinema contemporâneo?

A resposta desse questionamento está na utilização do tempo e do espaço de forma a provocar uma tensão narrativa (no público e nos personagens) a partir de uma ação do cotidiano. Essa sentimento acontece por meio de prolongamento dos planos e da forma como o diretor desenvolve sua história. No futuro artigo a ser publicado nos anais do evento e com um olhar mais aprofundado na análise, por meio das sequências de fotogramas e da maneira como Kiarostami organiza sua *mise-en-scène*, seremos capazes de aprofundar nossa resposta e desenvolver novas reflexões.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. 3. ed. Lisboa: Texto e Grafia, 2013.
- BURCH, Noël. **Praxis du Cinema**. Lisboa: Estampa, 1973.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes do fazer. 22. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.
- DELEUZE, Gilles. **Cinema 1**: a imagem-movimento. São Paulo: 34, 2018.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Cinema mundial contemporâneo**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2008
- UM ALGUÉM Apaixonado. Direção de Abbas Kiarostami. Tóquio: Imovision, 2012. (109 min.), DVD, son., color. Legendado.

